

REFLEXÕES SOBRE A ESCOLA CONTEMPORÂNEA E SUA REINVENÇÃO DE FORMA CRÍTICA

Bárbara Conceição da Silva ¹

INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é refletir sobre a necessidade de reinvenção da escola atual que ainda hospeda um currículo monocultural e hegemônico, porém, inserida nessa sociedade contemporânea que abarca em sua multiplicidade sociocultural, uma juventude munida de conhecimentos complexos e culturas heterogêneas.

Sendo assim, é mister fazer algumas considerações acerca da crise na/da educação/escola, que, conseqüentemente, compreende as mais diversas dimensões; como por exemplo, a sociopolítica, ideológica e cultural. A escola situada nessa nova sociedade da informação, da tecnologia e da comunicação encontra-se desorientada, pois, o seu perfil ainda não se adequou à nova realidade multiculturalista que nos cerca. A sociedade contemporânea é demasiadamente mutante e, o nível, a qualidade e o montante de informações circulantes oscilam imensuravelmente. Acredita-se que, para o acompanhamento desse número infindável de informações, seja necessário um olhar outro para a Educação, para a escola, para o currículo, para a formação dos profissionais da educação, para a necessidade dos alunos; ou seja, as crianças e os jovens/adolescentes.

Tomando por base a escola pública atual, pode-se dizer que a mesma é fruto de uma gradual estratégia de desvalorização que visou favorecer a mercantilização do ensino particular, ao mesmo passo que esta mesma degradação também serve de elemento útil aos detentores dos poderes econômicos e políticos que tem na incultura, um dos principais alicerces de perpetuação, através da proliferação da mão de obra barata e não qualificada que acaba tendo que se sujeitar à qualquer condição de emprego para buscar apenas subsistências.

¹Professora do Ensino Fundamental SME/D. de Caxias - SME/RJ e Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Básica Cap-UERJ - RJ, babix967@gmail.com;

O atual ensino público é um castelo em ruínas que só não se encontra literalmente em escombros por conta da luta de muitos que seguem ainda pelejando contra a corrente e contra a força deste projeto de esfacelamento cultural que tomou conta do país pós anos 80. Por conseguinte, a juventude acaba sendo fruto da degradação da educação que se propaga com efeito, pela sociedade.

Sob pretexto de dar responsabilidade aos filhos, uma geração foi criada com permissividade e sem direcionamento, uma espécie de “vale tudo social” em que o jovem por muitas vezes segue pela opção do experimento e não do aprendizado. A impressão que se tem é que o acolhimento da escola de hoje pela juventude, depende de fatores como por exemplo, valores assimilados em casa, conversações absorvidas no entorno do(s) ambiente(s) em que vivem, concepções que vão de encontro daquilo que os acrescentem e/ou os façam crescer de alguma forma e/ou alcançar algo para suas vidas cotidianas; pois, “[...] há um modo de fazer e de criar conhecimento no cotidiano, diferente daquele aprendido, na modernidade, especialmente, e não só, com a ciência [...]” (ALVES, 2001, p. 13-16 apud FERRAÇO, ALVES, 2015). Vê-se dessa maneira, a real importância de um acolhimento por parte da escola que realmente agregue esse grupo.

Assente-se que, quando esses jovens conseguirem captar exemplos que lhes possam provocar anseios de aprendizado intelectual, ganho cultural, aspirações profissionais, ascensão social e realização pessoal; enxergarão a escola como sendo o portal que lhes dá acesso a esses anseios. Em contrapartida, quando não lhes é despertada a importância de se educar, prevalece a perspectiva sombria de que a escola seja apenas um significado para o substantivo “fardo”, um exemplo que sempre vão considerar como perda de tempo ou um elo entre a fome e uma chance diária de alimentação.

Tenho como hipótese que as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mutações profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços. (DAYRELL, 2007, p. 1106).

Adequar a escola aos jovens ou os jovens às escolas será andar em círculo até que haja vontade política e/ou interesse da minoria socialmente hegemônica. O choque

que há quando o jovem não se reconhece e não se identifica com a escola a qual lhe é oferecida ou as deficiências encontradas nas mesmas por não estar suprindo as carências do seu público-alvo ou ficando aquém de atingir seus principais e necessários objetivos, nasce na irresponsabilidade dos parlamentares e no desinteresse de que ensino público e educação rendam bons frutos.

[...] investem como se a escola, por si só, fosse capaz de garantir a superação das desigualdades sociais. Será possível? Os jovens pobres sabem que não e buscam mais do que a escolarização. Eles, ao contrário da escola, já experimentam na pele o descentramento das instituições e demandam mais. Demandam redes sociais de apoio mais amplas, como equipamentos de lazer e cultura nos seus bairros, além de políticas públicas que os contemplem em todas as dimensões, desde a sobrevivência até o acesso aos bens culturais. (DAYRELL, 2007, p. 1124).

METODOLOGIA

A pesquisa em questão traz uma abordagem qualitativa e bibliográfica, trazendo autores como Candau (2015), Dayrell (2007), Hooks (2013), Ferraço (2015), Freire (1980) entre outros, trazendo uma reflexão sobre os desafios da escola e de seus sujeitos.

Hooks (2013) e Freire (1980) bebem da mesma fonte ao falarem sobre a importância e a necessidade do diálogo como critério, dentro de uma Pedagogia engajada, libertadora e emancipatória. “O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. [...] o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial” (FREIRE, 1980, p. 82).

Candau (2015, p. 337) fala sobre o autor americano William Kilpatrick (1918) e John Dewey “acerca de uma ‘escola ativa’, que sua proposta tem como preocupação central os interesses do/a aluno/a, na perspectiva de despertar nele/a a vontade de saber”, e o autor Henning Bodtkjer citado por Skovsmose (2014, p. 20) busca, primordialmente, motivar a construção da aprendizagem pelos sujeitos através de projetos que transformem a “sala de aula” e/ou “espaço de aprendizagem” em um ambiente vivo. Ou seja, esses autores pactuam do mesmo objetivo ao ambicionarem que

os estudantes construam suas aprendizagens de forma enfática. Ao professor requer uma visão do ambiente necessário para essa construção. Uma das características desejadas em um professor de matemática do século XXI segundo D'Ambrosio (1993), é a visão do que constitui um ambiente propício à atividade matemática. Porém, esse professor carece compreender que a visão não se restringe ao ensino da matemática, mas sim à globalidade do currículo. Currículo esse reestruturado, fluido e com a concepção das dimensões socioculturais e políticas exigidas pela sociedade contemporânea, expressando que a instituição escolar e/ou a sala de aula é lugar de “promessa e possibilidade” (HOOKS, 2013, p. 13).

De acordo com o dicionário Houaiss online (2016), transgredir significa: ultrapassar o limite de algo; atravessar: transgredir a divisa de um estado. Desrespeitar uma ordem, uma lei, um procedimento etc.; infringir: transgredir uma norma social. Com a mesma expectativa do termo “transgredir” de Hooks (2013), as pesquisadoras Beatriz D'Ambrosio e Celi Lopes (2014), apresentam à Educação Matemática brasileira o conceito de Insubordinação Criativa, ao publicarem o artigo “Subversão responsável de uma professora, propiciado por seu processo de desenvolvimento profissional”, no Boletim de Educação Matemática (Bolema), como:

ação de oposição e, geralmente, em desafio à autoridade estabelecida, quando esta se contrapõe ao bem do outro, mesmo que não intencional, por meio de determinações incoerentes, excludentes e/ou discriminatórias. Insubordinação criativa é ter consciência sobre quando, como e por que agir contra procedimentos ou diretrizes estabelecidas. (D'AMBROSIO; LOPES, 2014, p. 29).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através das leituras feitas e um mergulho nas ideias de cada autor, é possível acreditar na reinvenção da escola através de um currículo inovador que agregue em seu interior as ideias de uma sociedade contemporânea, com seu perfil multicultural e intensa fluidez em suas dimensões políticas, socioeconômicas e ideológicas.

Pressupõe-se ainda que a formação dos profissionais de educação precisa estar em voga no amplo cenário educacional. A promoção do diálogo, o estímulo e o desenvolvimento da criticidade e o respeito são imprescindíveis no favorecimento dos jovens que já trazem consigo um conhecimento vasto e complexo. Desse modo, o

professor comprometido com a formação dos seus alunos, como sujeitos ativos/interativos na construção do ensino-aprendizagem contribui para a qualidade da escola/educação que se espera justa e igualitária.

A resignificação das práticas educacionais e o espaço da sala de aula precisam ser (re)vistos de forma a remeter aos jovens estudantes segurança, ousadia e, que eles possam ressuscitar seus anseios pelo chão da escola, seu lugar de pertencimento. Assim, o quadro geral da crise na/da instituição escolar pode sofrer uma metamorfose revolucionária em sua história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notória e de crucial importância a reinvenção da escola. As normas superiores impostas e as diretrizes educacionais vigentes, em certas circunstâncias, precisam ser transgredidas em favorecimento ao bem do outro. Salientamos que temos também como necessária a transformação da sociedade com seus modelos econômicos, políticos, sociais, ideológicos e culturais que impactam demasiadamente na educação e, por conseguinte, nas escolas. Urge nesse país uma vontade política governamental em prol da Educação/escola tão fragmentada que abrange uma substancial gama da população das classes menos favorecidas à margem dessa instituição. É imprescindível a inserção dessa parcela da população efetivamente na sociedade da informação, da tecnologia e da comunicação como protagonistas na construção do conhecimento, como sujeitos ativos e interativos desse processo.

Nossa juventude encontra-se sem rumo, desacreditada e cheia de incertezas em relação à real função da escola atual e precisa de um norte. É essencial que esses jovens não apenas vejam, mas sintam a escola como um lócus de efetiva construção do ensino aprendizagem indispensável à vida cidadã; um lugar de prazer e divertimento, liberdade e autonomia. Por outro lado, o engajamento dos profissionais da educação na busca de um currículo vivo, efetivo, multipluralista, heterogêneo, com um olhar outro voltado para a realidade vigente da educação e dos jovens, engendra o caminho para a mudança que se espera.

Por esse motivo, é indispensável que tais paradigmas sejam revistos e modificados para que as diretrizes do ensino público se reconstituam em bússola e guiem seus rebentos para o portal da formação sociocultural em direção ao mundo de oportunidades, equidade e justiça.

REFERÊNCIAS

CANDAU, V. M. F.; KOFF, A. M. N. S. A didática hoje: reinventando caminhos. **Educação & realidade**, v. 40, n. 2, p. 329-348, 2015.

D'AMBROSIO, B. S. Formação de professores de Matemática para o século XXI: o grande desafio. **Pro-Posições**. Campinas-SP: Cortez Editora/UNICAMP, v. 4, n. 1 (10), 1993. p. 35-41.

D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. **Trajetórias profissionais de educadoras matemáticas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014. (Coleção Insubordinação Criativa).

DAYRELL, J. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

FERRAÇO, C. E.; ALVES, N. As pesquisas com os cotidianos das escolas: pistas para se pensar a potência das imagens narrativas na invenção dos currículos e da formação. **Espaço do currículo**, v. 8, n. 3, p. 306-316, 2015.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. Ed. São Paulo, 2013.

HOUAISS, Dicionário. **Dicionário online de português**. São Paulo, out. 2016. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/houaiss/>>. Acesso em: 13 abr. 2021.

SKOVSMOSE, O. **Um convite à educação matemática crítica**. Papirus editora, 2015.